ARTE E CULTURA DA DANÇA DE SALÃO | ED. 1 | N. 3 | DEZ 2023

dançar a dois



Especial Zouk Brasileiro

EROTISMO E DIVERSIDADE

Sensualidade na dança

Pelo fim do **assédio na dança**

A realidade de **não ser "padrão"**

▶ EXPEDIENTE

dançar a dois

Projeto gráfico-editorial
Mileni Francisco

Apuração, redação e edição
Mileni Francisco

Diagramação
Mileni Francisco

Orientação e revisão
Ildo Francisco Golfetto



FOTO DE CAPA: LÉO SILVA, EDITADA EM IA

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso, do bacharelado de Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado e editado pela acadêmica Mileni Francisco, sob orientação do Prof. Dr. Ildo Francisco Golfetto, no segundo semestre de 2023.
Seu caráter é experimental, sem fins lucrativos e puramente acadêmico. Seu conteúdo e suas opiniões são de inteira responsabilidade da acadêmica, isentando assim a UFSC e o docente de qualquer responsabilidade legal por essa publicação.
Esta revista não pode ser reproduzida, parcial ou integralmente, por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, etc.), sem a devida autorização da autora. Não pode ser usado comercialmente, sob pena prevista na Lei nº 9.610/98, que regula os direitos autorais.

▶ CARTA AO LEITOR



Rodinha de aniversário de Mileni Francisco no *Casarão da Dança*, 2023

CRÉDITO: BEATRIZ REIS

Na sequência do conjunto de revistas, a terceira edição explora o Erotismo e a Diversidade. Os conteúdos exploram a expressão da sensualidade por meio da dança, assim como desmistifica tabus que relacionam o Zouk Brasileiro ao ato sexual. Apresenta um artigo de opinião a respeito do tradicional machismo e de crimes de assédio na dança de salão. E ainda, celebra a diversidade de corpos que dançam.

A edição III da Dançar a Dois faz um recorte do contexto da dança de salão e provoca debates sobre assuntos muito sentidos, mas pouco comentados. Espero que esta produção traga ponderações relacionadas à expressão da sensualidade na dança ao mesmo tempo em que inspira a inclusão no salão. Reflitamos!

Ouça a *playlist* de Zouk Brasileiro



SUMÁRIO

08

Olhares sobre a sensualidade na dança social



Expressão corporal 11

Sensual não significa sexual 18

Dicas para explorar a expressão da sensualidade por meio da dança 22

24

Quebrando o ciclo: pelo fim do assédio na dança

Alerta de gatilho

Machismo na parceria 27

Assédio não é tradição, é crime 29

Existe avanço 31

34

A realidade de não ser “padrão”



Mulheres 38

Negritude 43

LGBTQIAPN+ 47

Pessoas com deficiência 54

Corpos não padrão 59

Dicas para aumentar a diversidade e inclusão na dança 63

Erotismo e diversidade



CRÉDITO: SABRINA STAHELIN

Larissa Secco e
Walter Fernandes
no Zouk Hour, 2022

Liberdade e desdém: olhares sobre a sensualidade na dança social

Se expressar de forma sensual ao dançar por vezes é confundido com desejo sexual ou ainda como algo vulgar



Baile do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA

Segundo a arte-educadora, Rubia Frutuoso 38 (SP), "tem uma bailarina que fala que 'a sua expressão é única, se não for através de você, essa energia nunca vai circular no mundo'". Evidenciando como essa expressividade é algo especial, ressalta que "não importa o quanto de habilidade você tem. É a sua história, que é diferente de qualquer outra pessoa nesse mundo". A entrega de um(a) dançarino(a) no momento da dança envolve questões internas e externas que foram superadas, trabalhadas e/ou elaboradas para expô-las como parte de sua história dentro de uma performance. No contexto do Zouk Brasileiro, muitas vezes, a entrega de uma pessoa à dança é vista com maus olhos por expressar certa sensualidade. E ainda, é mal interpretada como se fosse algo com conotação sexual. A proximidade dos corpos, os movimentos sinuosos, as ações de enfeite, os olhares, o rebolado, o jeito de se tocar e o cuidado entre as pessoas são algumas das características dessa dança. Esses elementos – sob olhares maldosos –, fortalecem a crença que se repete ao dizer que os dançarinos "parecem que estão 'transando' com roupa".

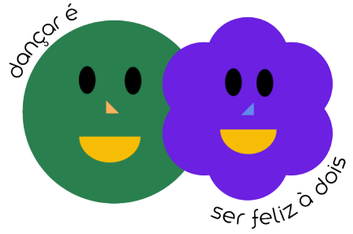
no silêncio de uma dança há muitas histórias sendo contadas



Baile do Zouk Max, 2023

CRÉDITO: ALAN CRUZ

No ambiente dançante, o toque é visto como algo natural e não romantizado, tampouco sexualizado. Mas quem não é praticante assíduo de dança, pode relacionar essas ações a um desejo sexual. Por esse motivo, pode ser difícil para pessoas externas ao Zouk Brasileiro compreenderem que, por mais conectada e próxima que ela seja, não significa que haja segundas intenções. A professora de dança de salão, Carol Correa 29, (RJ), comenta que mesmo entre dançarinos, é comum ver uma pessoa muito entregue dentro de uma dança e pessoas de fora concluírem e verbalizarem que "fulano/a quer 'dar' para a pessoa".





Expressão corporal

Sensualidade
substantivo feminino,
propriedade do que é sensual, relacionado aos sentidos; ou tendência aos prazeres dos sentidos; amor das coisas ou qualidades sensíveis.

Em uma definição de dicionário, a palavra sensualidade está associada aos sentidos e portanto, se configura como algo natural e único, relativo a cada ser humano. Pensando a sensualidade dentro da dança, mais especificamente ao Zouk Brasileiro, percebe-se que consiste em algo de dentro para fora, que se conecta aos prazeres que essa arte proporciona. Formada em inteligência emocional e profissional da dança de salão, Adriana Gomes, 27 (SP) acredita que sensualidade significa "seu jeito autêntico de ser", sem fazer relação com o ato ou atração sexual. Por essa perspectiva, ser sensual na dança não se resume a um

"carão" ou a enfeites, mas sim a tudo aquilo que o dançarino expressa, tudo o que essa pessoa sente. Pode ser dito como algo intransferível e único. Apesar de existir aulas de *style* (estilo), ser sensual na dança não é algo a ser ensinado, já que nessas aulas as pessoas aprendem a se entregar e colocar sua personalidade em cada movimento. Depois de um tempo, muitos dançarinos passam a enxergar a sensualidade de forma mais fluida e a sua entrega fica muito mais afinada com seu jeito de ser.

"Ser sensual também é sobre estar em uma posição vulnerável e se deixar expor. Por isso é importante não julgar a forma do outro se expressar", acrescenta Mariana. Superar o medo da exposição e ainda assim, se entregar aos sentimentos e externalizar o que sente pode ser desafiador. Há pessoas que possuem muita facilidade, que confiam e que "se jogam", outros constroem a confiança ao longo do tempo e há aqueles que ainda não estão prontos para se expor. Mas, aos poucos, cada um se permite mais e deixa o corpo fluir. Independente do nível de confiança de um/a dançarino/a, respeitar o processo e a entrega do outro é crucial para melhorar a qualidade da dança.

Mariana sente que ser sensual na dança é algo sobre si mesma, sobre se sentir confortável e que simplesmente acontece.

"Ser sensual também é sobre estar em uma posição vulnerável e se deixar expor. Por isso é importante não julgar a forma do outro se expressar".

Mariana Villar

Mas a sensualidade é relativa, o que alguém considera sensual pode ser visto de outra maneira por outra pessoa. "A gente é uma sociedade, que negligencia o corpo e cria muitos tabus para a experiência corpórea. Então como a gente tem muitos tabus, acaba deturpando as experiências que podem ser saudáveis, que podem ser livres de expressão da sexualidade" aponta Rubia. Ela ainda fala que há uma visão distorcida, pois a sociedade " sexualiza ao invés de compreender que faz parte da completude do ser humano, a livre expressão de sua sexualidade. Desde que ela não invada a livre expressão e o bem-estar de outra pessoa".
Essa deturpação das experiências corpóreas está relacionada com a condenação do direito ao prazer, em que há julgamentos quando uma pessoa se sente bem ao dançar. Não raro, há pessoas que pensam o ato sexual como algo sujo e pecaminoso, em que tudo aquilo que remete ao sexo também é interpretado como algo ruim. Historicamente, as mulheres são sexualizadas e objetificadas e os homens têm medo de expressar sua sensualidade, a não ser de uma forma





Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

que garanta a sua masculinidade. A realidade da sociedade se reflete na dança, em que essas crenças também se propagam. Empreendedora artística e dançarina de Lambada Patrícia Lira, 50 (SP), lembra de toda a resistência do público para dançar Zouk Brasileiro por achar sensual e sexual demais, "Eu sempre falava: — 'Você acha que se fosse uma coisa sexual eu ia dançar com meus filhos?'".

Dançar usando a sensualidade como elemento de expressão, envolve enfrentar uma estrutura social preconceituosa, em que cada pessoa precisa aprender a lidar com questões internas e amadurecer. No início, quem dança e se permite expressar certa sensualidade, se sente perdido/a, fica com vergonha e não gosta da forma como executa os movimentos. Por medo de ser visto/a como alguém vulgar ou de chamar muita atenção, se compara com outras pessoas e se sente inferior. O autojulgamento coloca a cobrança pessoal em um nível altíssimo e atrasa o próprio desenvolvimento. Com o passar do tempo, o excesso de preocupações e inseguranças tende a diminuir e a confiança começa a ganhar espaço. Lidar com esses sentimentos amplia o processo de autoconhecimento de todo/a dançarino/a.

Para algumas pessoas, não há uma medida ou limite entre o que é sensual, sexual e vulgar. Logo, o julgamento do outro é inevitável, todos sempre serão julgados por alguma coisa. Por isso

é fundamental não se diminuir e fazer o que faz se sentir bem. Tentar não julgar o outro também pode ajudar a tornar a cena da dança mais saudável. “Essa preocupação do que o outro tá sentindo enquanto tá vendo, acho que isso era uma coisa que a gente não devia se preocupar. A gente devia se preocupar muito com o que a gente está sentindo”, complementa Carol.

Muitas mulheres não gostam da temática “ser sensual na dança”, porque não se acham sensuais ou têm receio de serem mal interpretadas. Outras, sentem uma cobrança por não ser “sensual o suficiente”. “Quando entrei pro Zouk tinha uma cobrança muito de ‘— Ah, você precisa ser feminina, né?’ Como se eu não fosse feminina”, recorda Carol. Em outra perspectiva, Rubia, que iniciou sua história na dança pelo balé clássico, se sentia um “patinho feio” perto das mulheres que via na dança de salão. Ao perceber as diferenças na forma de se expressar dos dançarinos, a comparação se fazia muito presente. Por fim, concluiu que isso não fazia muito sentido, pois, afinal, ela anos de experiência em dança e de fato seu corpo tinha uma constituição diferente – que não cabia comparações. Ao manifestar seu jeito autêntico, o/a dançarino/a se liberta das amarras sociais e desata seus próprios nós. Expressar a sensualidade pode instigar olhares, a curiosidade e até mesmo o interesse pelo simples fato de transmitir coisas boas para outras pessoas. Quando existe aceitação e admiração própria, o dançarino não espera a aprovação de ninguém. Rubia defende a ideia de que “o corpo é seu veículo de comunicação com o mundo e que seu movimento deve ser sua livre expressão”.

marque pessoas com a sua dança

Baile do Zouk Lovers, 2023



CRÉDITO: LÉO SILVA

“O corpo é seu veículo de comunicação com o mundo e seu movimento deve ser sua livre expressão”.

Rubia Frutuoso

Sensual não significa sexual

Sexualidade
substantivo feminino,
conjunto de caracteres especiais, externos ou internos, determinados pelo sexo do indivíduo; qualidade sexual.

Exceto por alguns outros animais, nenhuma dança social tem como objetivo o ato sexual. As pessoas, em geral, dançam porque querem dançar. Contudo, às vezes um simples toque ou um deslize na pele é sentido como um índice que sexualiza a dança na mente de alguns indivíduos. Diante da realidade em que se confunde dançar com o ato sexual, muitos homens entram na dança para ter contato físico com as mulheres. Ao identificar essas segundas intenções, muitas dançarinas se sentem desconfortáveis e podem até deixar de praticar. Dentro da interação de uma dança, tudo depende de onde, do que, com quem, do como e do por quê é feito. Não dá para generalizar que toda dança implique em vontade sexual, apesar de que isso pode acontecer. “Eu acredito que você pode dançar com uma pessoa e não precisa ir para esse lado sexual”, aponta Patrícia.

Contudo, a dança também é um evento social e, muitas vezes, o principal meio de interações, especialmente entre os artistas. Logo, não se admira que dançarinos tenham relações amorosas e/ou sexuais entre si. Por mais que o sexo não deva ser o motivo para se dançar, o ser humano é sexuado e o desejo pode surgir durante uma dança. Existem

inúmeras maneiras de sentir a dança no corpo, pelo tato, pelo olhar, pelo cheiro, pela audição ou de formas imateriais. Há abraços, há momentos em que se movimentam os quadris, há instantes em que o cabelo se projeta sobre o/a parceiro e cada ação pode produzir sensações e estímulos em diversas as partes do corpo. Logo, aquilo que foi sentido de forma física pode despertar sentimentos, ainda que não haja desejo sexual por aquela pessoa. Tanto o sentimento provocado quanto o que foi sentido pelo outro pode acontecer, de forma intencional ou não.

Carol Correa costuma falar para seus alunos que é muito normal ter uma dança incrível e não sentir atração nenhuma pela outra pessoa, “você vai perceber que aquilo é só corpo e que não tem nada a ver com a sua parte sexual”. Uma de suas alunas não acreditava que era possível, até vivenciar isso em uma dança inesquecível. A professora lembra que quando a aluna terminou de dançar, mandou um áudio: “— Carol, você não sabe, agora eu entendi”.

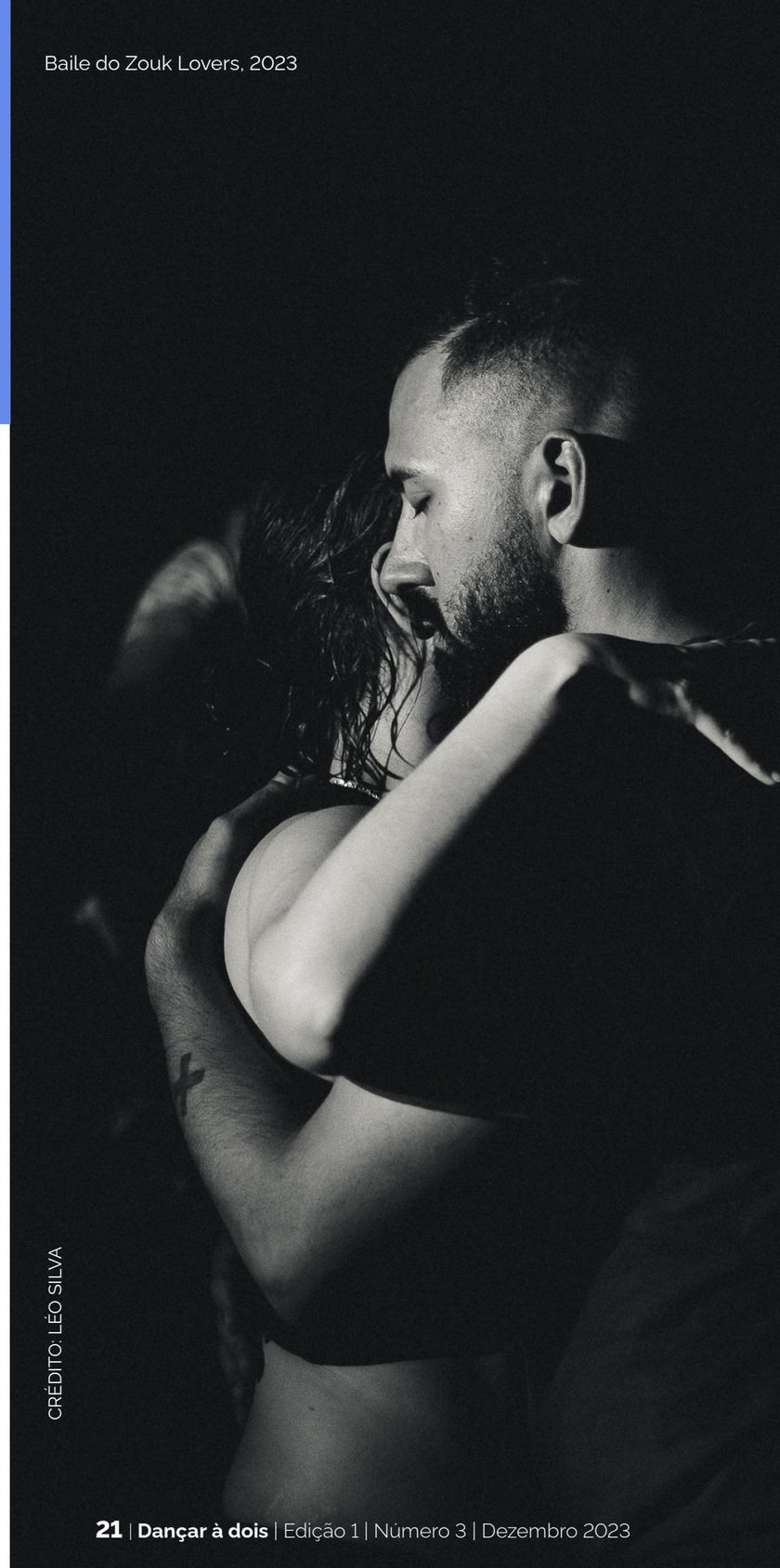
Dentro de um abraço – em que a pessoa está envolvida ou que observa – não tem como identificar ou concluir todos os estímulos que aquela dança está gerando. No caso dos homens, pode ser complicado lidar com a excitação dele pela parceria, que pode inclusive culminar com uma ereção. Além do constrangimento pessoal,a outra pessoa pode perceber e/ou sentir o que está acontecendo. Rubia crê que não temos controle do que sentimos, mas sim do que fazemos quando sentimos. Logo, quando o homem percebe que algo ultrapassou o limite do que se considera respeitável, pode afastar o quadril, fazer movimentações

mais distantes ou até mesmo parar a dança. Da mesma forma, a parceira, ao perceber algo errado pode se afastar e cessar a interação.

Em muitos casos, as pessoas usam a dança para demonstrar interesse na outra pessoa. Se ambos estão cientes da intenção e desejam o mesmo, é possível que algo aconteça fora daquele local, já que muitos acreditam que o baile não é o espaço mais apropriado para esse tipo de troca. A profissional do movimento, Kelly Palhares, 37, (MG), pensa a dança como uma ferramenta para conectar o ser humano com sua sexualidade, mas alerta para não utilizar essa forma de conexão como meio para buscar um prazer sexual momentâneo.

Durante uma dança em que há certa energia sexual, cada pessoa deve observar como se sente em relação a isso, se seus limites não estão sendo ultrapassados e se não está ultrapassando os limites da sua companhia. Muitas pessoas não querem e não permitem o toque em certas partes do corpo e isso deve ser sempre respeitado. Nesses casos, pode-se falar antes, perguntar antes, indicar, afastar ou proteger o corpo de alguma forma. Para além disso, deve-se verbalizar o desconforto ou encerrar a dança, por mais difícil ou deselegante que isso pareça. “A gente tem que ter muito cuidado ao tocar o corpo do outro. Quando a gente toca alguém, tem que saber que aquilo ali é um universo inteiro”, ressalta Kelly.

Baile do Zouk Lovers, 2023



“A gente tem que ter muito cuidado ao tocar o corpo do outro. Quando a gente toca alguém, tem que saber que aquilo ali é um universo inteiro”.

Kelly Palhares

CRÉDITO: LÉO SILVA

Dicas para explorar a expressão da sensualidade por meio da dança

- Descubra os movimentos que gosta e a forma dos toques que gosta de expressar/sentir. Seu corpo vai entender como sente mais conforto;

- Trabalhe seu autoconhecimento, lide com inseguranças e controle o autojulgamento durante a sua dança;

- Para trazer leveza, ignore a "necessidade" de acertar o tempo todo e de fazer movimentos bonitos;

- Busque lugares e pessoas que te façam sentir confortável para ser quem você é ou quem deseja ser;

- Se conecte com você, com seu parceiro, com a música e deixe fluir seus sentimentos. Dance primeiro pra você e depois para o outro, se quiser;

- Não gaste energia tentando agradar os outros, se preocupe com o que está sentindo e busque se agradar;

- Recorde que cada pessoa é única e se expressa de forma íntima e pessoal, então não julgue a entrega do outro;

- Lembre que não é sempre que vai estar se sentindo bem consigo mesmo, respeite o que seu corpo está dizendo;

- Faça aulas de style para conhecer novas possibilidades para seu corpo, independente do papel que você costuma executar na dança;

- Realize treinos individuais ou dedique um tempo exclusivo para experimentar e criar movimentos;

- Grave uma dança sua para estudar as movimentações, ver como está a execução dos movimentos;

- Olhe, admire e reproduza os movimentos que observa em outras pessoas, seja com quem está dançando ou ao ver a pista;

- Permita-se e entregue-se! Quando você se sente seguro/a e "se joga" na dança, ela se torna muito mais tranquila, prazerosa e fluida. Isso faz a pessoa evoluir mais rápido como dançarino/a

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

"O que você dança, todo mundo pode dançar. Mas como você dança, só você pode dançar".

@souldozouk



ALERTA DE GATILHO

Quebrando o ciclo: pelo fim do assédio na dança

Enquanto a marca patriarcal reforça a tradição do machismo dentro dos salões, lutas contra o assédio e importunação sexual ganham força

Por: Mileni Francisco

Este artigo foi construído a partir de entrevistas com profissionais do Zouk Brasileiro com o intuito de informar, conscientizar, estimular discussões e mostrar avanços no combate ao machismo e ao assédio dentro da dança de salão. Embora o assédio com homens também aconteça, a autora volta-se para as mulheres – vítimas da maioria dos casos. Mesmo assim, desejo que a leitura não desmotive sua prática e dê esperanças para tornar a cena da dança a dois cada vez mais segura e acolhedora.

Apesar da liberdade e dos sentimentos bons que a dança proporciona, o ambiente dançante não está imune ao machismo e ao assédio. São problemas inerentes a praticamente todos os ambientes sociais e não gerados pela dança, mas sim pelas pessoas. O ecossistema dançante é reflexo da sociedade e acompanha suas mudanças, porém algumas heranças patriarcais continuam a reverberar.

Em sua marca patriarcal, está o papel que uma pessoa ocupa na dança, em que normalmente o homem conduz e a mulher é conduzida. Há concepções em que nós mulheres devemos apenas seguir, não precisamos pensar ou ter a técnica para executar movimentos. Frases misóginas como "ser dama é fácil, é só sentir" e "a dama só tá ali pra deixar a dança bonita" ainda são ditas. Pelo desmerecimento do papel de pessoa conduzida, quando algo dá errado é comum colocar a culpa em nós mulheres. Professora de Zouk e Lambada, Melyssa Tamada, 22 (SP), lembra de um congresso em que o aluno pediu para testar um passo e reclamou: "Eu tava fazendo com as meninas e ninguém fazia isso, elas não entendem que é só fazer isso aqui". Melyssa então explicou para ele e para a turma que cada pessoa tem o seu processo e que não se pode esperar um desempenho tal qual uma professora, ainda mais na primeira vez que alguém faz um movimento.

"Façam o que te pedem. Quebre a coluna, mas faça o que te pedem." É isso que esperam de nós, inclusive quando esse tipo de fala implica em uma lesão na pessoa. Em aulas de dança, o ensino costuma ser voltado para o papel de quem conduz. Assim, há mulheres que deixam de ir em

congressos porque não faz sentido pagar para fazer aulas, se no final só temos que "relaxar, sentir e fazer". Como se o ambiente de estudos da dança não nos pertencesse.

A desigualdade de oportunidades, de espaço e de reconhecimento entre os homens e as mulheres também são uma herança patriarcal. Há a figura do professor que explica tudo e da professora que faz par, sendo vista como assistente, reforçando uma ideia de submissão. Não raro, alunos e alunas tiram suas dúvidas com o professor, mesmo sobre situações inerentes ao papel feminino. Nessas horas, até as mulheres reproduzem atitudes machistas, ainda que inconscientemente.

Quando acontece o término de uma parceria, o homem consegue se restabelecer no mercado mais rápido, trocando de parceira ou apenas dando aula sozinho. Ainda se perpetua a visão de que mulher só pode dar aula sozinha se for de *style*, porque se não estiver acompanhada a aula não é boa – ao contrário do que acontece com os homens. "Tem mulheres 'muito f****' que não confiam que são 'muito f****', enquanto homens mais ou menos estão se achando muito bons", defende a professora, Andressa Siqueira, 26 (RJ).

Além do machismo estrutural, há cobrança – pessoal e da sociedade –, por uma feminilidade padrão. Nós precisamos estar bonitas e magras, maquiadas, com os cabelos arrumados, bem vestidas e usarmos sapato de salto alto. Do nosso corpo, se espera leveza nas movimentações, flexibilidade, alongamento e tudo aquilo que aparenta ser "saudável". No *look*, nossas saias não podem ser curtas nem longas demais, pois podemos passar uma mensagem "errada". Enquanto um homem é aplaudido por sua performance masculina, as mulheres precisam ter uma série de cuidados e ainda assim não recebem o mesmo nível de valorização. Não é à toa que as mulheres até hoje têm salários mais baixos comparativamente.

"Tem mulheres 'muito f**' que não confiam que são 'muito f****', enquanto homens mais ou menos estão se achando muito bons".**
Andressa Siqueira

Antigamente, se um homem e uma mulher estivessem juntos em um baile, era preciso autorização dele para dançar com ela, pois a mulher seria "propriedade" dele. As vontades das mulheres são, em geral, silenciadas, pois é difícil para nós encerrarmos uma dança, mesmo que estejamos sendo machucadas ou ultrapassando nossos limites – fomos ensinadas a não reclamar ou a não dizer não.

Machismo na parceria

Enfrentar o machismo estrutural é algo que nós mulheres já estamos acostumadas. Mas o que acontece dentro de uma parceria pode destruir a sanidade de qualquer uma. Exemplo disso é que, por muito tempo, manteve-se a regra em que o nome do homem deveria vir primeiro na apresentação da dupla. A dançarina e professora Carol Correa, 29 (RJ), conta que muitos eventos anunciavam sua dupla de forma errada, pois seu nome vinha primeiro, mas costumavam colocar o de seu antigo parceiro na frente.

Mulheres são silenciadas por parceiros e pela comunidade. Frequentemente, os homens são anunciados, reconhecidos e agradecidos enquanto suas parceiras, esquecidas. Quando lembradas, a forma que nos identificam é a de "parceira

de Fulano". Se temos reconhecimento, a fama veio por "termos transado ou sido parceira de alguém", e não por nosso talento, estudo e dedicação.

Ao receber o cachê de um trabalho, há homens que ficam com o dinheiro para si, sem dividir com a parceira. Em negociações de contratação, a comunicação costuma ser feita com o homem. "Negociar um cachê é totalmente diferente quando você é uma mulher. Quando você é abordada por alguém, já se parte do pressuposto que é mais barata", explica a professora que dá aula sozinha, Rubia Frutuoso, 38 (SP).

Mulheres que dão aula sozinha enfrentam desafios para conseguir trabalhar. Segundo essas profissionais, um contratante exigiu um "cavalheiro" para atuar no evento – mesmo que ela desse aula para ambos os papéis. Outra vez, quando a organização de um evento soube que a professora não daria aula com seu antigo parceiro, retiraram-na da programação sem comunicá-la. Se fosse ao contrário, dificilmente o professor seria excluído do evento, mesmo sem parceira. "Ser professor é uma relação de poder. Ainda mais quando mexe com arte, que é uma coisa que toca tanto a alma das pessoas. Então a gente precisa ser muito responsável e muito atento a essas relações de poder", alerta Rubia. Assédio não é tradição, é crime!

Assédio não é tradição, é crime!

Em meio a pandemia da *Covid-19*, o dia 14 de junho de 2020 foi um marco na história da dança brasileira. A primeira publicação do Instagram @chegadeassedionadança expôs o relato de uma mulher de Santa Catarina em que o professor passou a mão em sua bunda. Uma série de denuncias, nacionais e internacionais, de abuso, violência, importunação sexual e até mesmo estupro, preenchem o perfil com quase 100 publicações. Depois da exposição, algumas escolas se manifestaram a favor da causa. A conta mostrou que o assédio ocorre em todo lugar. Além das publicações, há o contato para apoio psicológico e jurídico. Há também lives que explicam os tipos de abuso que existem. Por causa desses relatos, mulheres perceberam que também haviampassado por algum tipo de importunação sexual ou assédio sexual na dança.

Na dança de salão, os dançarinos se expressam de forma vulnerável por se tratar de um ambiente seguro, mas nem sempre o outro respeita essa relação. É possível acontecer um escorregão ou toque de mão sem querer, porém nem sempre é sem intenção. Quando confrontados sobre uma má conduta, os homens mentem, fingem que não foi nada ou ainda chamam nos chamam de loucas.

"Ser professor é uma relação de poder. Ainda mais quando mexe com arte (...) a gente precisa ser muito responsável e muito atento a essas relações de poder".
Rubia Frutuoso

“A violência contra a mulher – seja ela psicológica, moral, física ou sexual, doméstica ou nos salões dos bailes ou ainda em grandes eventos de dança Brasil afora – tem que parar de ser vista como algo normal. Não é normal!”

Alexandra Klen

O assédio, seja moral ou físico, pode acontecer de diversas formas, por humilhação, ameaça, chantagem, movimentos forçados, apelidos constrangedores, brincadeiras ofensivas, xingamentos, agressões verbais, apalpar, encoxar, lamber, tocar de forma imprópria, beijo forçado, bloqueio de caminho, esfregar o corpo nas áreas íntimas, com alguns chegando ao absurdo de se masturbar e ejacular em público.

Infelizmente, a dança de salão já foi palco de muitos casos de assédio. Além de “normalizado”, o assédio na dança é até ensinado. Uma profissional do Zouk Brasileiro recorda que teve um professor que ensinava os homens a fazerem passos que os deixassem boca a boca com a mulher para conseguir beijá-las. Na época, esse mesmo homem disse para ela que para dançar bem, tinha que perder a virgindade com ele.

Profissionais assediadores e até mesmo estupradores continuam sendo chamados para dar aulas em eventos e seus trabalhos seguem sendo reconhecidos. A comunidade da dança não sabe – e nem tem como saber –, de tudo o que acontece nos bastidores da profissão. Mas parte das professoras carrega traumas que algum homem já as fez passar.

Há professores que se aproveitam de seu poder para chantagear alunas. Promessas de ajuda, viagens, convites para treinos, presentes e cortesias para eventos são alguns meios de troca usados em chantagens. A bailarina e coreógrafa, Alexandra Klen, 56 (SC), defende que “a violência contra a mulher – seja ela psicológica, moral, física ou sexual, doméstica ou nos salões dos bailes ou ainda em grandes eventos de dança Brasil afora – tem que parar de ser vista como algo normal. Não é normal!”.

Um caso que vivi, na final de uma competição de *Jack and Jill* em um congresso, um competidor – escolhido de forma aleatória –, empurrou minha testa com a sua mão para que realizasse uma movimentação de *cambré*. No término da dança, eu estava com os braços vermelhos pela força utilizada pelo competidor para que eu fizesse os movimentos que ele desejava.

Por mais que a tendência seja diminuir o número de casos, nós mulheres não estamos ilesas. Vale ressaltar que a culpa nunca é da pessoa abusada, pois nenhuma roupa, movimento ou qualquer motivo justifica ou diminui a ação do agressor. Há homens que entram na dança de salão para ficar e abusar das mulheres, sendo que muitas delas não conseguem distinguir se é aquilo algo normal da dança ou não – principalmente, as iniciantes.

Existe avanço

O processo de denúncia pode ser doloroso e libertador. Reviver o ocorrido, buscar provas e lidar com o agressor pode ressuscitar os traumas. Há o medo de denunciar, por haver pessoas que não acreditarão no que aconteceu ou que não queiram investigar os fatos. Além da justiça, a

denúncia é também uma forma de tirar um pouco da dor que isso gerou e ajudar a evitar que aconteça com outras mulheres.

Aos poucos, a cena está rompendo o ciclo de abusos e quebrando as tradições, conforme os avanços da sociedade. Paloma Alves, 36 (SP), jornalista e professora de dança de salão, acredita que se esteja caminhando para um lugar de igualdade, em que os dois tem destaque e que um não precisa aparecer mais que o outro. “Hoje a gente entende que as duas partes precisam ter consciência corporal, se proteger, se cuidar no momento da dança. Quando a gente sai desses estereótipos, de que o líder cuida e follow segue já ajuda muito ter chegado nesse lugar. Mudou muito a perspectiva de quem faz o quê, a gente faz juntos”, expressa a profissional.

Pessoas mudaram suas atitudes pelo medo da retaliação e passaram a tomar cuidado com suas falas. Há quem acredite que a dança exclui aqueles que cometem crimes, já que muitos foram retirados do ambiente. Em escolas já houve professores afastados e alunos expulsos em virtude de acusações de assédio. O Instagram @chegadeassedionadanca também teve papel fundamental ao trazer essa pauta para a dança de salão, que por muito tempo omitiu fatos. As publicações também levaram alguns homens a refletirem sobre seus comportamentos.
“A gente tenta conscientizar não só aquele aluno, mas a sala em geral de que existe uma etiqueta na aula.”, comenta Melyssa sobre o trabalho que ela e outros profissionais vêm fazendo. Cada vez mais, aumenta o número de dançarinos que buscam criar uma rede de apoio para que a dança seja um ambiente cada vez mais seguro.

"A potência de uma dança pode ser feita de inúmeras vulnerabilidades".

@souldozouk

A realidade de não ser "padrão"

Profissionais com diversos tipos de corpos inspiram e trazem novos públicos para o Zouk Brasileiro

A dança de salão não tem gênero, cor, orientação sexual, idade, corpo ou regionalidade certos ou errados – ela é para todos que querem dançar. No Zouk Brasileiro, jovens e adultos predominam, mas há pessoas de todas as idades, de crianças a idosos. Muitos profissionais apontam que o Zouk Brasileiro é mais diverso e inclusivo que outras danças sociais, mas nem sempre foi assim.

O papel da mulher dentro da dança não é mais para "embelezar" ou servir como assistente. Pouco se via homem dançando com homem ou mulher com mulher, porque associavam à homossexualidade, como se isso fosse defeito ou problema . O professor de Lambada Hudson Dias, 28 (RJ), conta que foi um dos primeiros a dançar como Conduzido em bailes no Rio de Janeiro e que, no início, dançava apenas com seus amigos por sentir homofobia na pista. "Hoje tem esse entendimento de que a dança não tem gênero e que pessoas do mesmo sexo ou de gênero fluido vão sim trabalhar juntas, vão dançar juntas não por interesse sexual, mas por um interesse profissional", compartilha o professor de danças sociais Felipe Lira, 28 (SP).

Conforme as minorias sociais ampliam sua voz, antigos padrões são substituídos. Pessoas com corpos diversos estão sendo cada vez mais respeitados, seja por uma mudança real da sociedade, baseada na compreensão e entendimento, ou então pelo medo do "cancelamento" – algo que se tornou corriqueiro por conta das redes sociais. "Quando a gente surgiu, tinha essa preocupação de mostrar um bom trabalho porque sabia que ia ter críticas. Se fosse antes, muita gente não ia ter tanto respeito", compartilha o dançarino Diego Basílio, 23, sobre sua parceria com Kevin Oliveira, 27, ambos de São Paulo.



Baile do Sampa Zouk, 2023

CRÉDITO: BAILA MUNDO

Na grade de professores de eventos há predominância de duplas compostas por pessoas brancas. Cabe considerar que isso também se trata de uma questão social. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, a taxa de pobreza é duas vezes maior entre pardos e negros quando comparadas com brancos. A dança, assim como outras práticas artísticas, não é acessível financeiramente para todos, pois pessoas de baixa renda têm mais dificuldade de ingressar nesse meio, ou seja, isso implica na baixa representatividade no meio profissional de pessoas negras. Na dança, a comunidade costuma se ajudar ao dar espaço e oportunidades para diferentes talentos brilharem. O professor de dança Walter Fernandes, 29 (RJ), lembra quando começou na dança de salão e sua mãe catava lixo de madrugada para que ele tivesse o dinheiro da passagem de Duque de Caxias até Ipanema, tendo que suportar mais de quatro horas dentro de um ônibus, ida e volta. Ele não faltou um dia de dança por quatro anos, cuidando de sua saúde para não perder nenhuma aula, é por isso que "sempre falo que minha maior inspiração foi minha mãe porque ela me deu um sonho, ela me deu a oportunidade de sonhar porque antes eu não sonhava com nada".

Apesar dos avanços, a dança de salão ainda é um ambiente excludente – tal qual a sociedade. Mesmo dentro do Zouk Brasileiro, há uma bolha social que permanece com as mesmas pessoas, que nem sempre é receptiva com quem está chegando e com a diversidade dos corpos. Há muitos desafios para garantir a inclusão dentro da cena Zoukeira, sendo cada vez mais importante garantir acessibilidade nas escolas, nos bailes, nos congressos, etc.





Baile do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA





Demonstração de Kamylla Chagas, Camilla Magalhães e Maelly Pöerch no Floripa Zouk, 2023





Mulheres

Historicamente, ser mulher na dança de salão significa enfrentar muitos desafios para ser respeitada como dançarina e como pessoa. A desvalorização do papel de conduzida, o julgamento ao conduzir, as cobranças injustas, a desigualdade salarial, a escassez de oportunidades às profissionais e a luta contra o assédio são alguns dos desafios para (r)existir como mulher na dança. "Ser mulher na dança é resistência, é você ser chata, é você não se misturar com essa panela imunda que existe na dança, tá ligado? Porque querendo ou não é como se fosse uma elite e tem que lembrar que nem todo mundo é elite, né?", reforça a professora de Lambada Grace Lira, 23 (PE).

Em sua primeira experiência como professora de dança de salão, Rubia Frutuoso, 38 (SP), estranhou que a única voz a ser respeitada era a do homem e que existia um certo estranhamento com a figura feminina falando dentro da sala de aula. Quando foi convidada para sua primeira parceria, percebeu que o convite não era para, de fato, atuar como professora, mas sim para embelezar. "A primeira vez que eu abri a minha boquinha em sala de aula foi um silêncio mórbido", atesta.

"A primeira vez que eu abri a minha boquinha em sala de aula foi um silêncio mórbido".

Rubia Futuroso

Nem todas as mulheres se sentem à vontade ou têm a oportunidade de falar em aula, às vezes quando o professor pede ou quando é algo sobre a parte da pessoa conduzida é que são convidadas a se expressar. As perguntas dos alunos costumam ser dirigidas ao professor e não à professora, ficando como segunda opção. "Até mesmo as próprias mulheres, quando vão fazer uma aula particular com alguém, não importa o tamanho do seu conhecimento, a escolha vai ser masculina. Tem uma escolha. A menos que ela queira saber sobre 'enfeites', aí escolhe a mulher", relata a professora Irla Carina, 32 (MA).

Natural de Recife (PE), a professora de Zouk Brasileiro Mariana Villar, 22, compartilha que ser mulher na dança é ser subestimada o tempo todo e sentir a necessidade de ficar provando a todo momento que é boa o suficiente. "A gente que é mulher precisa mostrar duas vezes mais competência para ter o mesmo respeito [que um homem] e olhe lá pra conquistar alguma autoridade", complementa Rubia.

As relações de poder e de credibilidade dos homens sobre as mulheres se refletem nas danças a dois. "Não existe prazer em relação de poder", garante a artista Andressa Siqueira, 26 (RJ). Rubia recomenda deixar evidente qualquer coisa que deixe uma

"A gente que é mulher precisa mostrar duas vezes mais competência para ter o mesmo respeito [que um homem] e olhe lá pra conquistar alguma autoridade".

Rubia Futuroso

mulher desconfortável, pois “se não te acharem doce/agradável, ótimo, porque aí eles vão se afastar e você deixa o seu universo mais saudável”.

A realidade de ser homem na dança é, em geral, vinculada à orientação sexual, pressupondo que são gays. Caso contrário, se é hetero, dizem que está ali para “ficar com as mulheres”, como se um homem não pudesse dançar apenas porque gosta. Há certa necessidade de provar a masculinidade no meio dançante, pois o machismo não prejudica somente as mulheres, é danoso para todos. Felipe Lira ouvia de muitos profissionais que não podia rebolar mais ou ser mais feminino que sua parceira, “tive que buscar aulas de teatro para poder explorar essa masculinidade que ninguém nunca soube me explicar o que é ser masculino”.

“Se não te acharem doce/ agradável, ótimo, porque aí eles vão se afastar e você deixa o seu universo mais saudável”.
Rubia Futuroso





Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA



Baile do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA

Negritude

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2022, mais da metade da população brasileira se autodeclara como pardos (45,3%) e pretos (10,6%). Apesar de serem a maioria no país, são minoria na dança de salão. A professora de danças sociais Bruna Peçanha, 22 (RJ), comenta que é até difícil lembrar quantos profissionais negros há no Zouk Brasileiro, com predominância de mais homens que mulheres. Nos eventos também há predominância de pessoas brancas. A baixa representatividade social acontece, em parte, porque a educação artística é um privilégio que nem todos têm acesso.

Os reflexos do racismo estrutural estendem-se à dança. O professor de danças a dois, Pedro Castro, 21 (RJ), observa que a formação dos profissionais pode ser melhor compreendida sob a ótica de uma sociedade carregada de preconceitos. Ele aponta que se vê maior quantidade e aceitação de homens negros em parceria com mulheres brancas – como se isso fosse "um símbolo do sucesso". E pouco se vê uma dupla em que ambos são negros. Ele e a parceira Ana Cecília, 22 (RJ), são um exemplo raro de profissionais pretos e, ainda, de referência internacional. "Nessa pouca representatividade de pessoas pretas a gente se coloca no lugar de que existe, por trás de todo o nosso amor e paixão pela arte, uma missão também de ser essa referência para as pessoas que vão vir. Acho que a nossa arte perpassa por isso, por quem a gente é", compartilha Ana.



Ana Cecília e Pedro Castro no *Jack and Jill* do Canadá Zouk Congress, 2023

CRÉDITO: ARQUIVO PESSOAL

Quando questionados sobre discriminação em meio a dança, os profissionais entrevistados não lembraram de nenhum caso explícito. Contudo, "como professora, sinto esse preconceito mais de quem tá entrando na dança, [pois] sempre tenho que provar que sou boa e que sei do que estou falando. É uma coisa que já é tão natural na minha na minha mente que já faço isso naturalmente quando tô dando aula", comenta a professora de dança Evellyn Vasconcelos, 29 (AL). O professor Hudson complementa que, para a sociedade, é muito difícil acreditar que "uma pessoa negra pode ser realmente artista".

Embora não haja um nítido preconceito no ambiente Zoukeiro, o professor Walter Fernandes, 29 (RJ), esclarece que precisa "saber se comportar" em cada local, sobretudo em países com racismo mais evidente. "Tento me adaptar a cada ambiente. Tive que falar um pouco de russo e andar um pouco até como russo para poder me encaixar no local, porque sou preto". Melyssa Tamada, 22 (SP), professora de Zouk Brasileiro, conta que dança para expressar toda a felicidade que a dança traz para ela. Já Marck Silva, 25 (PE), professor e parceiro de Melyssa, reflete que expressa todo o sofrimento que passou para chegar onde chegou, pois "quando eu danço isso tá muito no meu movimento, carrego isso comigo".

"Nessa pouca representatividade de pessoas pretas a gente se coloca no lugar de que existe, por trás de todo o nosso amor e paixão pela arte, uma missão também de ser essa referência para as pessoas que vão vir. Acho que a nossa arte perpassa por isso, por quem a gente é".

Ana Cecília





Baile do Sampa Zouk, 2023

CRÉDITO: BAILA MUNDO

LGBTQIAPN+

Dançar a dois é uma arte que engloba pessoas LGBTQIAPN+, uma sigla que reúne uma série de identidades de gênero e orientações sexuais: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, *queers*, intersexuais, assexuais/arromânticas/agênero, pan/polissexuais, não-binárias e muitas outras. No entanto, na prática nem todas as pessoas compreendem ou respeitam o que o outro é.. A professora de dança de salão Luana Weinmann, 30 (RS), conta que já ouviu comentários bifóbicos, de que ela iria se aproveitar das pessoas dançando e, por isso, sente que precisa tomar cuidado, até mais do que precisaria, para que alguém não se sinta mal dançando com ela pelo fato de ser bissexual, "é muito doido isso, mas às vezes sinto que eu mesma me seguro de me conectar com pessoas com medo de ser mal interpretada".

Diego conta que teve "sorte" de não ter recebido tanto preconceito, mas que foi difícil se assumir no meio da dança, porque achou que não seria tão respeitado. Contudo, já aconteceu de pessoas não fazer aula com ele ou de não dançar com seu parceiro, Kevin. No *Sertanejo Summer Festival*, de 2023, durante as trocas de parceiros em aula, um aluno se recusou a dançar com outro, que estava como *Follow.* Após o ocorrido, o congresso foi interrompido para falar sobre a diversidade na dança e para encerrar o evento, uma demonstração de vários profissionais com a professora Vitória Ramos, 29 (SP), uma mulher trans, emocionou o público.

Vitória Ramos | Demonstração
Sertanejo Summer Festival, 2023



CANAL: ERREIABATIDA

Quando Felipe Lira iniciou na dança, não entendia porque não podia dançar como *Follow* em bailes ou com seu irmão gêmeo. Hudson comenta que no Rio de Janeiro havia meninos dançando como Conduzido, mas que não levavam a sério e amarravam a blusa para associar ao feminino. Nas primeiras danças sendo conduzido, ele tinha medo que achassem que estava dando em cima, então dançava afastado das pessoas.

À medida que professores começaram a dançar nas festas como Conduzidos, deu a oportunidade para que alunos, que também tinham essa vontade, ocupassem esse espaço. O enfermeiro Ricardo Frazão, 34 (RJ), revela se sentir confortável nos bailes graças ao trabalho de outros profissionais, "a gente tem que agradecer a vocês que botaram a cara a tapa, que disseram que sim, nós podemos dançar de *Follow*, que não é porque eu tô querendo tomar um papel de uma mulher. A gente não quer ser uma mulher não, só quero dançar, entendeu? Pra gente estar sorrindo hoje, vocês já choraram muito".

Em meio a uma aula realizada no Centro Educacional Unificado (CEU) Feitiço da Vila, em São Paulo, Vitória foi ajudar um aluno que estava com dificuldade e ouviu "com pessoas assim, viado, eu não quero fazer não". Após essa fala, ela pediu respeito, como pessoa e também como profissional, pediu que ele se retirasse, mas que o perdoava e daria mais uma chance à ele. Na semana seguinte, o aluno contou que foi para a aula ver como era a aceitação das pessoas na dança, porque, na verdade, estava com medo de se assumir gay para a família, mas queria dançar como ela. A professora conta que mais tarde o aluno "se assumiu", participou de vários campeonatos de dança e fez declarações e agradecimentos a ela por sua ajuda.

"Com pessoas assim, viado, não quero fazer não".

Disse um aluno para Vitória Ramos



Jack and Jill da escola 3D em São Paulo, 2023

CRÉDITO: BAILA MUNDO



Baile do Zouk Unity, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA





Além dos julgamentos, Vitória conta que alguns homens a veem como alvo sexual durante a dança, assim como fazem com outras mulheres. Outro enfrentamento é lidar com pessoas querendo comparar uma mulher trans com uma mulher cis, julgando-a apenas pela diferença na força durante as competições. "As mulheres precisam entender que eu sou uma trans, mas não sou uma mulher [cis]. Então para mim é muito difícil tentar imprimir um corpo muito mais feminino, uma visão muito mais feminina, trejeitos femininos". Ela complementa que uma criança, que nasceu com um órgão genital masculino, que se percebe como menina, é algo que as pessoas precisam entender que também é muito difícil para ela, "não é só o fato de ter força, é fato que não sou uma mulher cis".

"As mulheres precisam entender que eu sou uma trans, mas não sou uma mulher [cis]...

Ser um profissional LGBTQIAPN+ na dança significa abrir caminhos para que outras pessoas se sintam à vontade para expressar livremente. "Ser uma mulher trans na dança não é fácil, nunca foi. Mas estou aqui para mostrar que as pessoas podem fazer isso também", contribui Vitória Ramos. A escola de dança *Zathus*, em Porto Alegre (RS), possui a maioria da equipe composta por professoras e estimula os alunos a fazerem ambos os papéis na dança. Martha Royer, 31 (RS), sócia da *Zathus*, compartilha que não percebe muito preconceito como lésbica na dança e se vê respeitada pelaspessoas, em especial de outras mulheres. "O fato de eu dar aula com mulheres, de me apresentar com mulheres também, acho que isso tem bastante poder, então percebo essa admiração da galera", conta ao lembrar dos abraços emocionados de meninas quando a conheceram pessoalmente em congressos após a pandemia.

"...Então para mim é muito difícil tentar imprimir um corpo muito mais feminino, uma visão muito mais feminina, trejeitos femininos".

Vitória Ramos

Profissionais LGBTQIAPN+ trabalham para quebrar barreiras e educar as pessoas de que a dança não tem gênero e nem sexualidade.

“Se eu sou um homem hetero, gay, um homem ou mulher trans, não binário, gênero fluido e quero dançar com o mesmo sexo ou com o sexo oposto, não importa. Não quero dançar porque eu quero pegar alguém, quero dançar porque eu quero me expressar através dessa forma artística”,

ressalta Felipe Lira.

dançar é pra todo mundo



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Pessoas com Deficiência

Para alguns, pode ser difícil imaginar como uma Pessoa com Deficiência (PcD) pode dançar. A artista Carolina Hiss, 25 (RJ), acha engraçado a surpresa dos dançarinos, sobretudo aqueles que não sabem como dançar com ela. O atleta e bailarino profissional Izaias José dos Santos, 37 (PE), também conhecido como Rebô, teve sua medula comprometida aos 15 anos, devido a uma bactéria na coluna e, desde então, anda de cadeira de rodas. Depois de entrar na dança como *hobby*, se apaixonou e vai em todos os bailes que consegue, contudo depara-se com adiscriminação nas pistas. Ele conta que as mulheres acham que ele não vai conseguir conduzi-las, mas depois que o veem dançando, que faz vários passos e ainda roda o salão das gafieiras, o preconceito se torna curiosidade.

Escolas de dança não costumam ser acessíveis para garantir que PcDs ocupem esses espaços. A maioria dos profissionais de danças sociais nunca teve contato ou experiência em dar aula para uma pessoa com deficiência. Os salões dos bailes também não são adaptados para receber alguém com cadeira de rodas, por exemplo. É preciso ajuda para entrar, pela falta de acessibilidade. Para "compensar" essa falha, a entrada costuma ser gratuita às PcDs. Apesar da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, estabelecer "normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida", espaços de dança e eventos não garantem a inclusão de PcDs, nem como público, tampouco como dançarinos.

boas danças pra você



Carolina Hiss no Rio Zouk Congress, 2023



Rebô Izaias e parceira em apresentação de dança, 2023

CRÉDITO: ARQUIVO PESSOAL

Para além disso, é preciso compreender que a pessoa nem sempre estará bem – como acontece com qualquer uma. Hudson, um artista em hemodiálise, conta que sua doença afeta seu desempenho como dançarino e, às vezes, não tem condições de estar dançando. Já aconteceu dele ter que abrir mão de trabalhos por conta do seu tratamento ou por não se sentir bem, "sou um artista e continuo tentando ser artista no meio desse turbilhão de preconceito e de estereótipos".

A falta de empatia e o capacitismo segue presente no meio dançante. Carol compartilha que os dançarinos a aceitam para dançar quando está em pé, diferente de quando está na cadeira de rodas. Ela conta que já viu pessoas saindo de uma aula por conta dela e que ouviu ser "um absurdo ela estar fazendo aula, que não deveria estar ali". Carol carrega o sonho de fazer uma aula em que todos teriam a experiência de dançar em sua cadeira para sentir o que ela sente dançando. Se trata de uma dança adaptada, então não precisa fazer passo nenhum, mas existem técnicas para

aproveitar melhor a dança. Durante um congresso, uma pessoa achou incrível dançar com ela por visualizar que era só sentir. Depois, quando pediu que ficasse na cadeira enquanto ela o conduzia, ele realmente entendeu e gostou. "Já coloquei várias pessoas na cadeira, é muito gostoso ver as pessoas se permitindo e é muito engraçado ver as pessoas não se permitindo também."

Para Rebô, ser uma pessoa com deficiência na dança é servir de inspiração para outras pessoas ao ouvir que querem dançar como ele. "Vou mostrar que tem pessoas que dançam, dar visibilidade a outras pessoas, abrir caminho para outras e mostrar que deficiente não é só atleta, pode fazer tudo que quiser".

"Vou mostrar que tem pessoas que dançam, dar visibilidade a outras pessoas, abrir caminho para outras e mostrar que deficiente não é só atleta, pode fazer tudo que quiser".

Rebô



Rebô Izaias e parceira em apresentação de dança, 2023

CRÉDITO: ARQUIVO PESSOAL

Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Corpos não padrão

A associação do peso à capacidade de uma mulher dançar com desenvoltura é tão forte que mulheres gordas nem entram para a dança, por acreditar que não poderiam. Outras insistem em dançar, mas reconhecem que para ser profissional "precisa" emagrecer ou desistir da carreira.

Durante o programa Se Ela Dança Eu Danço, em 2011, um dos jurados disse à Rubia Frutuoso que a dança possui uma estética e "que havia uma gordura sobrando ali, que não tava muito legal". A profissional que tinha dado à luz há pouco tempo, acredita que esse foi o jeito "desastrado e sensacionalista" de abordar sua maternidade. Ela conta que muitas pessoas se sensibilizaram e levou um certo tempo até perceber o quão errada aquela fala tinha sido, "nem me dei conta que era uma atrocidade, [que para] uma mulher no puerpério não fazia sentido uma fala daquela né, mas também me sinto feliz por ter sido forte o suficiente para não deixar tudo aquilo resvalar em mim".

Bruno & Rubia - Salsa, Se Ela Dança Eu Danço, 2011



CANAL DJDANÇA DE SALÃO



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

As pessoas com "corpo não padrão", muitas vezes, não são chamadas para dançar pelo julgamento, "a pessoa faz uma análise corporal, de cima a baixo e pensa 'vou ter muito trabalho porque a pessoa é pesada, não deve dançar e aí vou me machucar, porque ela é pesada'", conclui a DJ Ju Sanper, 31 (SP).

Além dos estereótipos de 'ser uma pessoa pesada', há a própria insegurança do/a/e dançarino/a/e por não saber se a outra pessoa irá sustentá-la durante uma movimentação. A professora de dança de salão Mariana, lembra quando estava treinando com seu parceiro Ítalo Barbalho, 24 (BA), e ele pediu para ela "parar de ajudar". Ou seja, ela deveria entregar seu corpo de forma que ambos estivessem com o peso dividido para fazer a movimentação. Contudo, para ela era difícil abrir mão do controle pelo fato de ter sido ensinada que a Dama tem que ser leve. "É uma coisa que foi alimentada na minha cabeça que tento

"A pessoa faz uma análise corporal, de cima a baixo e pensa 'vou ter muito trabalho porque a pessoa é pesada, não deve dançar e aí vou me machucar, porque ela é pesada'".

DJ Ju Sanper

desmistificar. Não vai ser o meu peso, não vai ser a minha massa, o meu tamanho que vai ditar se eu consigo fazer aquele movimento ou não."

Ao se deparar com uma dançarina de alta performance com um corpo gordo, as pessoas ficam surpresas com a qualidade da dança, fazendo comparações do tipo: "dança melhor que alguém magro". A artista Bruna Peçanha, 22 (RJ), lembra que se sentia mal por achar que não poderia fazer um show de alto nível por não conseguir fazer passos aéreos, de giros e de contrapeso. "Trabalhei para conseguir fazer e hoje em dia acho que os giros são uma das minhas melhores qualidades dançando, então é possível sim!"

Uma professora e outra bolsista de corpos gordos eram as referências de Ju Sanper para não parar de dançar e, agora, ela fica muito feliz em ser inspiração. "Já aconteceu de vir mulheres falar que sou referência para elas e que não desistiram de dançar porque me viam dançando, 'se ela pode dançar, eu também posso'."

"Já aconteceu de vir mulheres falar que sou referência para elas e que não desistiram de dançar porque me viam dançando, 'se ela pode dançar, eu também posso'".

DJ Ju Sanper

Bruna & Felipe | Demonstração de Zouk Brasileiro no SBK Congress 2022



CANAL: MAKANA MEDIA



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Dicas para aumentar a diversidade e inclusão na dança

Para pessoa que dança

- Saiba seu próprio valor, não deixe que outras pessoas façam isso por você;

- Trabalhe seu autoconhecimento, conheça e respeite seus limites, não deixe que outra pessoa ultrapasse seus limites;

- Não se compare, cada realidade e cada corpo são únicos;

- Quando não quiser dançar com alguém, não dance – diga não. Dançando, quando não quiser mais, encerre a dança;

- Seja rede de apoio para outras pessoas

- Se acontecer algo ruim/ discriminatório durante uma dança, se afaste, proteja seu corpo, verbalize o desconforto e/ou pare a dança. Converse com alguém de confiança e denuncie o ocorrido;

- Quando algo incomodar, demonstre que não gostou – de forma verbal ou não –, para que o outro perceba o seu desconforto;

- Não permaneça em lugares que não se sente bem;

- Não desista por um comentário ruim ou se sentir julgado/a/e.

Pessoa da comunidade

- Entenda que por trás do gênero, da cor, da orientação sexual, da idade, da aparência e da deficiência, existe um ser humano que quer dançar e está dando o melhor que tem;

- Preze pela diversidade nos congressos. Busque locais com infraestrutura acessível e deixe claro na divulgação do evento;

- Reflita sobre suas ações e falas para verificar se não há comportamentos preconceituosos e/ou agressivos;

- Valorize o trabalho dos profissionais, não reforce as desigualdades;

- Enxergue uma professora como profissional e não como assistente;

- Incentive e reconheça o trabalho de mulheres que dão aulas sozinhas;

- Conscientize as pessoas para romper preconceitos e agir de forma responsável diante situações discriminatórias e/ou abusivas;
- Estimule o diálogo sobre questões de diversidade e inclusão em sala de aula;

- Crie uma rede de apoio e fortaleça um ambiente seguro para que as pessoas possam conversar e denunciar;

- Se algo acontecer em uma escola ou em algum evento, faça com que a vítima se sinta acolhida e busque retirar o agressor daquele espaço;

- Se sentir que algo deixou a pessoa desconfortável, pergunte e respeite os limites do outro;

- Ao tocar ou passar a mão sem querer na outra pessoa, peça desculpa;

- Quando perceber algo irregular, converse com as pessoas envolvidas para compreender o que houve e não espalhar boatos;

- Em alguns casos, a pessoa que gera desconfortos não tem consciência do que está fazendo, então comunicá-la pode ajudar a identificar e a mudar seu comportamento;

- Trate as pessoas com educação, respeito e empatia, não tenha atitudes e falas preconceituosas;

= Estude e busque conhecimento, cuide para não magoar as pessoas;

- Dançar é para todos os tipos de pessoas e de corpos;

- Não julgue ou fale sobre a outra pessoa, nem elogie fazendo comparações ou diminuindo outros dançarinos;

- Se estiver com alguma dúvida, pergunte de uma forma respeitosa. Há pessoas que não se importam com pronomes, outras que se importam, na dúvida, pergunte como a pessoa gostaria de ser chamada;

- Como professor/a/e, esteja preparado para lidar e ensinar considerando pessoas com deficiência;

- Saiba ouvir as pessoas, esteja aberto ao diálogo. Reconheça e peça desculpas quando fizer algo errado ou que incomodou outra pessoa.

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

"Enquanto você duvida da sua dança, outras pessoas estão se inspirando em você. Se dê mais crédito".

@souldozouk